

As bienais morreram? Este grito, lançado há alguns anos, repercutiu bastante mas elas continuam existindo. Ex-bienal de jovens, encorajada por André Malraux e criada por Raymond Cogniat, a Bienal de Paris está instalada na antiga fábrica de cartuchos de Vincennes, em meio à poeira, aos ruídos, à depredação das obras, ao consumo imediato de um público diversificado. Mas ela é, antes de tudo, um vasto lugar de espetáculos, de manifestações paralelas, de tudo que está na vanguarda e expressa o pensamento de jovens de todo o mundo.



Giuseppe Penone: Revirar os Próprios Olhos, 1970



A participação ativa do público fez com que Cláudio Paiva tivesse que refazer diariamente seu Luar de Sertão

A MOSTRA DE LIVRE INTERPRETAÇÃO

BEATRIZ BOMFIM
da Sucursal de Paris

Paris (Via Varig) — Arte conceitual, hiper-realismo e intervenção são as três grandes linhas estéticas desta VII Bienal de Paris, realizada no parque floral do bosque de Vincennes, e que parece um grande happening onde cada um se exprime como quer, onde a depredação continua a ser praticada pelo público.

Nenhum latino-americano conseguiu ser premiado embora a própria premiação seja discutível nesta Bienal em que os critérios da estética tradicional ficam destacados. Para os organizadores é uma grande mostra de transição dedicada às experiências as mais audaciosas de artistas do mundo inteiro, com menos de 35 anos, e a todas as formas de contestação da arte atual.

Participação brasileira

O Brasil, que não participou da última Bienal, compareceu em massa desta vez. Artes plásticas, com Carlos de Moraes, Cláudio Paiva, Vanda Pimentel e José Tarcísio. Cenografia, com trabalhos de Hélio Eichbauer e José Armando Ferrara. No cinema, com o filme *Polivolume*, de Fernando Duarte e Rubens Richter. Composição musical, com obras de Lindenbergue Cardoso, Fernando Cerqueira, Marco Antônio Guimarães e Marcos Nobre.

A depredação atingiu também obras de brasileiros. Cláudio Paiva teve que refazer diariamente seu *Luar de Sertão*, feito em areia; seus quadros foram também prejudicados. No *Carto de Rua*, de Vanda Pimentel, iam parar sempre as caveiras de uma obra argentina e, depois da premiação, desarrumaram todo o *Réquiem para o Último Artista*, de José Tarcísio.

Sem conjunto

No meio de todas estas obras de vanguarda, há coisas muito boas e outras terríveis, segundo os próprios artistas. O conjunto não existe e, segundo alguns jornais franceses, ocorre uma defasagem entre estes jovens artistas e seu tempo, o que pode ser explicado pelo caráter de vanguarda da Bienal.

A mostra é uma profusão de motores elétricos, de alto-falantes, de arte viva quando alguns figurantes se contorcem ou sopram balões em protesto contra a poluição. Há diversas fotos, muitas das quais excelentes, tanto pelos temas, como pela realização nova utilizando-se de técnicas avançadas — enormes reproduções em tecido, retratos gigantes.

Na seção de hiper-realismo os americanos apresentam trabalhos importantes segundo a opinião geral. Os soviéticos ficaram deslocados com suas obras de realismo-so-

cialista enquadradas nesta linha estética de hiper-realismo.

Esta Bienal demonstra, principalmente, que, se a intenção dos artistas foi de fazer uma obra de consumo imediato, o público atendeu e soube compreender este apelo. Apesar da vigilância dos organizadores, os visitantes sentem necessidade de tocar, sujar e mesmo estragar as obras expostas.

A importância da Bienal

O *Réquiem para o Último Artista*, de José Tarcísio, foi muito visitado e ele mesmo explica sua obra:

— Tomemos cuidado, não matemos a arte e os artistas porque a humanidade não sobreviverá, e este réquiem para o último artista será também o do último homem. Tenhamos os olhos abertos para as belezas simples de nosso mundo.

Para ele, que expõe pela primeira vez fora do Brasil, esta Bienal dá aos jovens — ainda sem muito renome — a oportunidade de receber a visita de diretores de museus, galerias, iniciando seus conta-

tos na área internacional. E lembra que muitos brasileiros, hoje famosos e com aceitação mundial, começaram pela Bienal. Sua obra será filmada por Gerard Olivier, assistente de *O Homem do Rio*, que pretende levar o caixão pelas ruas de Paris, numa cerimônia fantástica e surrealista.

Cláudio Paiva apresenta vários trabalhos, entre os quais *Acidente*, *Vingança dos Percevejos*.

— Sou do interior do Brasil, de Carangola, e minha infância foi de contato com a terra. Meu material de reflexão é o lado sem cultura de Minas, a várzea, o cotidiano. Comecei a desenhar e depois passei a usar o chão e a utilizar novos materiais.

Seu *Acidente* tem paralelepípedos, velas em cima e um x indicando que houve uma morte.

— É uma nova forma de informar, de comunicar um fato.

Suas esculturas são às vezes verdadeiros poemas, — é ele ainda quem afirma — e o material utilizado dá margem à livre interpretação.



Réquiem para o Último Artista, de José Tarcísio